

HENRIQUE JOÃO WILKENS

MUHURADA

OU O TRIUNFO DA FÉ

**NA BEM FUNDADA ESPERANÇA DA INTEIRA
CONVERSÃO, E RECONCILIAÇÃO DA GRANDE, E
FEROZ NAÇÃO DO GENTIO MURA
POEMA HERÓICO COMPOSTO, E COMPENDIADO
EM SEIS CANTOS DEDICADO E OFERECIDO AO
ILUSTRÍSSIMO E EXCELENTÍSSIMO SENHOR JOÃO
PEREIRA CALDAS, DO CONSELHO DE SUA
MAJESTADE FIDELÍSSIMA, ALCAIDE-MOR,
COMENDADOR DE SÃO MAMEDE DE TROVISCOSO
NA ORDEM DE CRISTO; GOVERNADOR E
CAPITÃO-GENERAL, QUE ERA DO ESTADO DE
GRÃO-PARÁ, E AGORA NOMEADO DAS
CAPITANIAS DE MATO GROSSO, E CUIABÁ; E NOS
DISTRITOS DELAS, E DESTE ESTADO DO PARÁ,
ENCARREGADO DA EXECUÇÃO DO TRATADO
PRELIMINAR DE PAZ E LIMITES, POR PARTE DA
MESMA AUGUSTÍSSIMA RAINHA FIDELÍSSIMA.**

**POR UM MILITAR PORTUGUÊS, AFETUOSO, E
REVERENTE SÚDITO DE SUA EX^a: EM**

1785

HENRIQUE JOÃO WILKENS

MUHURADA

OU O TRIUNFO DA FÉ
1785

WEBERSON FERNANDES GRIZOSTE
(ORGANIZAÇÃO E COMPILAÇÃO)

REALIZAÇÃO



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
2017

Título Original: Muhuraida ou o triunfo da Fé

Copyright© Weberson Fernandes Grizoste, 2017

Diagramação: O organizador

Revisão gráfica: O organizador

. Capa: O organizador

Wilkens, Henrique João

Mhuraida ou o triunfo da Fé. Organização e Compilação:
Weberson Fernandes Grizoste. Manaus/Parintins/AM UEA,
2017. 57 pp.

ISBN: 978-85-7883-420-3

1.Poesia. 2. Título.

CDD 869.1

A reprodução total ou parcial dos textos para fins acadêmicos, desde que sem fins lucrativos, tem a autorização prévia do autor. Os infratores serão punidos na forma da lei.

SUMÁRIO

NOTAS DA EDIÇÃO	05
PRÓLOGO.....	07
Canto Primeiro.....	11
Canto Segundo.....	19
Canto Terceiro	27
Canto Quarto.....	34
Canto Quinto	42
Canto Sexto.....	50
Referências Bibliográficas	57

NOTAS DA EDIÇÃO

A transcrição dessa edição levou em consideração as cópias eletrostáticas do manuscrito existente na Torre do Tombo, em Lisboa; a transcrição realizada por Dirceu Lindoso, pesquisador da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e publicada em 1993, inclusive com edição fac-similar do manuscrito e da primeira edição de 1819; e da edição organizada por Tenório Telles e José Almeida A. de Rosa, de 2012. Seguindo a ordem, esta edição torna-se a quarta da *Muhuraida*, sendo a primeira de 1819, a segunda de 1993 e a terceira de 2012; e a primeira edição gratuita e publicada em meios digitais.

As notas do autor estão alinhadas à esquerda da mesma forma que o autor enumerou, a exceção que o autor fê-la em ordem alfabética por página, e nós a enumeramos (a exceção é a nota da estrofe 18, cuja nota apresenta-se avulso). As notas de pesquisa e de transcrição estão destacadas em itálico e a numeração no corpo do texto seguindo a palavra a ser detalhada, a fim de que o leitor não confunda as notas de um e de outro.

Destaca-se ainda alguns pormenores.

Na nota de rodapé do verso 2.12.1 onde se lê *ficção poética que calizada se pode acreditar*, a edição de 2012 corrige para *Ficção poética conforme se pode acreditar*. Optamos por manter o termo utilizado por Wilkens que acreditamos derivar de Caliz. O Caliz, utilizado nos engenhos de açúcar, é uma calha de madeira que leva a água até as caldeiras. Daí o sentido de condução de ideias. A nota não aparece na edição de 1819.

É presumível que a edição de 2012 tenha-se baseado e acreditado na transcrição de 1993, salvo umas exceções. Assim destaca-se gralhas repetidas. Por exemplo, O verso 8 da estrofe 18 co canto 2. Foi suprimido na transcrição de 1993. A falha pode ser verificada na edição fac-simile. Aparece, contudo,

na Edição de 1819 (Canto 3, Estrofe 17). A edição de 2012 segue a transcrição e suprime o verso, no entanto acrescenta-o em nota de rodapé antes informando “falta o 8º verso” e dá o que está na edição de 1819. A princípio o leitor poderá perguntar: Falta? Como falta? E se falta, quem é este que está a ser informado na nota de rodapé? É que as licenças poéticas possuem demarcações, por vezes, fáceis de ser descobertas. Outro caso similar é o verso 6º da estrofe 17 do canto 3. Na transcrição de 1993 o verso sexto foi suprimido. A falha também pode ser verificada na edição fac-símile. Aparece, contudo, na Edição de 1819 (Canto 2, Estrofe 17). A edição de 2012 segue a transcrição e suprime o verso, no entanto, da mesma forma, acrescenta-o em nota de rodapé antes informando “falta o 6º verso” e dá o que está na edição de 1819. O caso mais notório, no entanto, pode ser visto na nota de rodapé do verso 3.7.1. Ali foi suprimida em possível erro de formatação na transcrição de 1993, já que termina com pronome oblíquo e sem pontuação final, além do fato que parte da nota “muitos Choques que com” aparece no início da nota posterior tirando-lhe o sentido. A edição de 2012 comete dois equívocos, primeiro se contentou em suprimir o pronome e substituir a vírgula precedente por ponto final, e inicia a nota posterior com “muitos choques que com o tenente-coronel”, e obviamente deixando-a com um sentido aquém do manuscrito. A edição de 1819 continha a nota, mas com ligeira diferença do manuscrito. Em comparação com a edição de 1819, e em conformidade com o autor, mantemos ali o gerúndio e “os Ditos” ao invés de “os mesmos Muras” da edição de 1819.

Noutro caso que também podemos destacar, a nota de rodapé do verso 7, da estrofe 16 do canto 1 corrigimos conforme o manuscrito. A edição de 2012 (pg. 34) apresenta gralhas provocadas por um erro de mancha de página da compilação de 1993 (pg. 107) que suprime o artigo de “As embarcações” e os números 8 e 12 de “se embarcam 8, 12, 15 e mais Muras”. A edição de 1819 mantém os mesmos números conforme o original.

Weberson Fernandes Grizoste

PRÓLOGO

PARA SERVIR DE INSTRUÇÃO AOS QUE LEREM

O feroz, indomável e formidável Gentio Muhura, ou Muhra, conhecido há mais de cinquenta anos. Habitador dos densos Bosques, e grandes Lagos do famoso Rio Madeira, confluyente do célebre Rio do Amazonas, no Estado do Grão-Pará, Primeira Capitania Geral, e a mais Setentrional de todas das Conquistas Portuguezas na América Meridional, sempre foi fatal aos Navegantes do dito Rio Madeira, no comércio, que o Pará cultivava com a Capitania de Mato Grosso; Sendo este Gentio de Corço, igualmente cruel, e irreconciliável Inimigo dos Portuguezes, dos Índios, dos Bosques ainda habitadores, matando cruelmente, e sem distinção de Sexo, ou Idade, todos os Viajantes, e moradores das Povoações, roubando-os, e levando as mulheres moças, e Crianças, que do estrago escapavam, destinadas a um cruel Cativoiro, permitindo tudo a Divina Providência, que nunca familiarizar-se pudessem com o uso das Armas de fogo: as quais tinham o maior horror; e achadas, ou totalmente quebravam, ou ao Rio arrojavam; ou em pedaços reluziam, para pontas de flechas, das quais usam com grande destreza, e força.

No ano de 1756 principiou o dito Gentio Mura a sair em corço pelos circunvizinhos Rios; passando até a Fortaleza da Barra do Rio Negro, confluyente do Amazonas. Insensivelmente no Ano de 1765, até o de 75, enchiam já de terror, espanto, Mortes, e rapinas, todos os Rios Confluentes do Solimões, ou Amazonas, funestando a Navegação, o Comércio, a Comunicação, e População dos ditos Rios. Gentio de Corço, sem estabelecimento perdurável, dividido em pequenos Corpos aos quais os Moradores do Pará dão o nome de Malocas / Ocupando imensa extensão de terreno acrescentava a certeza do terror da sua barbaridade, e ferocidade, a incerteza do lugar da sua existência; fazendo

assim igualmente aos descuidados, e os Vigilantes, infelizes Vítima das suas crueldades; Frustrando a Vigilância dos Governos, nas aliás oportunas Providências. A Diligência, e valor das Armas, empenhadas na lícita, necessária defesa, o devido castigo de tantos insultos, e crueldades; e os repetidos esforços dos Generais do Estado do Pará; dos Governadores das Capitánias; dos Ministros de Letras, e o Apostólico zelo dos Missionários de diferentes Religiões, que se empenharam na reconciliação, conversão, e civilização deste indómito Gêntio no largo no largo (sic) espaço de tantos Anos; até que a Divina Providência, sempre tão inescrutável, como adorável nos seus desígnios, e fins, foi servida no Ano de 1784, estando no Rio Negro o Exmo. Senhor José Pereira Caldas, Governador, e Capitão General, que tinha sido do Pará, e então nomeado para Governo Geral das Capitánias de Mato Grosso, e Cuiabá, encarregado da efectiva execução do Tratado Preliminar de Paz e Limites entre as Coroas de Portugal, e Espanha; e estando na Vila de Ega, no Rio Solimões, Lugar destinado para Quartel de Depósito de ambas as Partidas Portuguesa, e Espanhola, que em concurso então atualmente se empregavam na efetiva Demarcação, o Tenente-Coronel de um dos Regimentos do Pará; João Batista Martel, nomeado Primeiro Comissário da Partida Portuguesa, se serviu, digo, a Divina Providência eleger por instrumento da reconciliação, conversão, e estabelecimento / tantas vezes intentada, desejada, e nunca conseguida / a um homem rústico, e ordinário, por nome Matias Fernandes, atual Diretor, e casado no Lugar S. Antônio do Imaripi, Povoação de Índios no Rio Japurá, o qual por zelo do Serviço de Deus, e do Rei, sendo dos ditos Gêntios Muras já bem conhecido, pelos Choques, e encontros, que com ele tinham tido, em que se comportava, e os fazia respeitar seu valor, e sua destreza, buscou os mais oportunos meio de os atrair, influindo-lhes sentimentos de confiança nele, e desejos de se comunicarem com os Chefes, e ultimamente estabelecer tal familiaridade, que passando o dito Gêntio Mura,

primeiramente, em companhia do mesmo Matias Fernandes, e depois sem ele, repetidas vezes às nossas Povoações de Ega, Alvarães, Nogueira, e Alvelos, e sendo em todas elas bem recebidos, agasalhados, hospedados, e brindados pelos Moradores Brancos, e Índios das ditas Povoações, tudo por prevenção, e repetidas, eficacíssimas recomendações do sobredito Tenente-Coronel João Batista Martel, e por ele com particularidade acarinhados liberalizando-lhes ele do seu particular, vários donativos, e outros por conta da Real Fazenda, dos Armazéns de Sua Mag: em Ega existentes; e dando eles Muras, também repetidas provas de Sinceridade, e voa fé, em diferentes encontros, que tiveram tiveram (sic) com as Embarcações, tanto Reais, como Particulares, que navegavam o Rio Solimões; ultimamente estando uma considerável Partida dos mesmos Muras, com seus Principais no Lugar de Nogueira, onde então existia convalescendo o sobredito Tem.^{te} Coronel, Primeiro Comissário João Batista Mardel, teve este o particular gosto, e a espiritual consolação de ver que, no dia nove de Junho desse corr. ^{te} Ano de 1785, os ditos Principais Muras, e outros refugiados entre eles já Murificados, por sua livre, espontânea Vontade, e *motu proprio*, sem preceder persuasão alguma, não sem um particular toque da Mão do Onipotente Árbitro dos Corações Humanos, ofereceram Vinte inocentes Muras, filhos dos ditos, pedindo o Santo Batismo; o que com inexplicável júbilo, e não sem lágrimas de ternura, se lhes concedeu, e se efectuou, sendo O Ministro desta ditosa regeneração o Rdo: Fr: José de S. Tereza Neves Religioso da Ordem de N. Sa. do Carmo, do Convento do Pará, e então Vigário do Lugar de Nogueira, e servindo de Padrinho de todos, o sobredito Tenente-Coronel Primeiro Comissário João Batista Mardel; a cujo zelo, cuidado, e generosidade, se devem estas felizes primícias, que esta formidável, e grande Nação ofereceu voluntária a seu Criador verdadeiro, e misericordioso Deus, e Senhor; À Igreja Santa, e à Soberana e Augusta; partindo pouco depois, bem satisfeitos, para continuarem em seu primeiro Estabelecimento, que escolhido por eles, no Lago do Amaná, e Rio Japurá, lhes estava preparando, com todo o cuidadoso desvelo, e própria assistência; o dito Diretor Matias Fernandes, como primeira Fundação, e Povoação, não sem

grande Obra, para se conseguir completamente os louváveis, interesses fins propostos, que são, A maior honra, e glória de Deus; a exaltação, e propagação da Santa Fé Católica Romana; A conversão de imensa multidão de Gentios; A salvação das suas Almas; O interessantíssimo adiantamento da população do Estado do Pará; e Domínios de Sua Mag: ^{de} Fidelíssima, nossa Augusta Soberana; O sossego, e segurança dos seus ditosos Vassallos no Comércio e Navegação deste vasto vasto (sic) Continente, e seus grandes Rios; e ultimamente o conhecimento de tantos Rios, e Terrenos, cheios de preciosos, interessantes Gêneros, úteis ao Comércio, e opulência do Estado, que o terror das crueldades e ferocidade deste Gentio, tinha inutilizado, ou sumamente dificultado. Devendo-se bem justamente atribuir a rapidez dos progressos, com que vários Estabelecimentos dos ditos Muras se foram formando, em várias partes do Rio Solimões; a uma particularíssima bênção, e Divino benefício, reservado ao feliz Reinado da Caríssima, e Augusta Soberana Fidelíssima; As sábias providências, e infatigável ardor, e zelo do Serviço de Deus, da Soberana, e bem do Estado, e dos seus Habitantes, do Exmo. Snor. João Pereira Caldas, que no decurso de seu Governo do Estado do Pará, e na sua existência no Rio Negro, sempre buscava embaraçar os meios da força, e persuadir os da brandura, e suavidade, para alcançar com perfeito complemento; Ao prudente método, afabilidade, generosidade, desvelo, e cuidado do Tenente-Coronel Primeiro Comissário João Batista Mardel; e ultimamente à intrepidez, constância, trabalho, zelo infatigável, e atividade do bom Diretor do Lugar de S. Antônio do Imaripi; Matias Fernandes.

CANTO PRIMEIRO

Argumento

Mediante a Luz, e Graça, que se implora,
De quem é dela Fonte; Autor Divino,
A Musa Época indica, que até agora
De horror enchia o peito mais ferino.
Do Mura a examinar, já se demora,
Usos, Costumes, Guerras, e o Destino,
Que, entre as informes Choças, inaudito,
Ao prisioneiro dá, mísero, aflito.

I

Canto o sucesso fausto, inopinado,
Que as faces banha em lágrimas de gosto,
Depois de ver num Século passado,
¹ Correr só pranto, em abatido rosto,
Canto o Sucesso, que faz celebrado
Tudo o que a Providência tem disposto,
Nos impensados meios admiráveis,
Que os altos fins confirmam inescrutáveis².

II

Mandai o raio da Luz, que comunica

¹ Do horroroso estrago, e mortandade, que os Muras fizeram no Ano de 55 deste Século, nas missões dos Índios Moradores da Aldeia do Abacaxi, Missão dos Jesuítas no Rio Madeira, fui eu ocular testemunha; do que fizeram nas Povoações do Solimões em 56 e 57, também vi; e da Desolação em que tudo ficou, enchendo todos de pavor.

² Originalmente “*in*scrutáveis”, a edição de 1819 corrige para “*in*excrutáveis” (grafia da época), ignorando a ortografia vigente a edição de 2012 segue a transcrição de 1993.

A entendimento, acerto verdadeiro,
Espírito da Paz! que vivifica
A frouxa ideia, e serve de roteiro
No Pélago³ das Trevas em que fica
O mísero moral, que em cativo
Da Culpa, e da Ignorância navegando
Sem voz, é certo, incauto⁴ ir naufragando.

III

Invoco aquela Luz, que difundida
Dos corações nas Almas obstinadas,
Faz conhecer os erros, e a perdida
Graça adquirir, ficar justificadas,
A Luz resplandecente, apetejada
Dos Justos, nas Nações desenganadas
Da pompa, da vaidade do Inimigo,
Que ao eterno conduz, final perigo.

IV

Mais de dez Lustros⁵ eram já passados,
Que a Morte, e o terror acompanhava
Aos Navegantes tristes, que ocupados
Estavam com o perigo, que esperava
A cada passo ter, nos descuidados
Segura presa em que se alimentava,
Despojo certo, e vítima inocente,
Na terra, ou mar, do Rio na Corrente.

V

Rio, que de Pentesileia⁶ a Prole⁷

³ *Abismo oceânico, região marítima afastada do litoral.*

⁴ *Conforme o manuscrito, e corresponde a edição de 1819 e a transcrição de 1993. A edição de 2012 grafou “inauto”.*

⁵ *Período de cinco anos, quinquênio.*

⁶ *Pentesileia, rainha das Amazonas. Sucedeu a Orítia. Socorreu aos Troianos e pereceu nas mãos de Aquiles, depois de demonstrar grande bravura e excelente habilidade no manejo das armas. Aquiles ficou tão deslumbrado com a beleza da guerreira que não pode conter as lágrimas junto ao cadáver (Spalding, 1965, 207).*

Habitando, algum tempo, fez famoso,
Enquanto não efeminada, a mole
Ociosidade deu o valoroso
Peito, buscando agora quem console
A mágoa, no retiro vergonhoso.
Que fez aos densos Bosques, em que habita,
Inconstante, e feroz, qual outro Cita⁸.

VI

Entre os frondosos Ramos, que bordando
As altas margens vão, de esmalte raro
Servindo estão mil Rios, tributando
Correntes argentinas, que no avaro
Seio recolhe o Amazonas, quando
Descendo vem soberbo, sem reparo,
A terra, os arvoredos arrastando
Para no Mar os ir precipitando.

VII

Compete o cabedal do novo Oceano,
Com as produções da terra preciosas,
Servindo a Ambição de útil engano,
Valor, e variedades prodigiosas,
Úteis à Sociedade, e trato humano,

⁷ *O reino das Amazonas estava estabelecido às margens e na vizinhança do Ponto Euxino, tornaram-se famosas na Ásia e na Europa por serem temíveis, promoverem saques e por viverem da caça. Vestiam-se com peles de animais selvagens; tinham as roupas presas ao ombro esquerdo caindo até o joelho deixando a parte direita descoberta. Armavam-se com arcos e com uma aljava bem guarnecida de flechas ou dardos, e de um machado. Seu escudo tinha a forma de um crescente e cerca de um pé de diâmetro. Nas guerras, sua rainha utilizava um corpete feito de pequenas camadas de ferro, preso a um cinto. Utilizavam um capacete ornado de plumas, mais ou menos brilhantes, e insígnias de suas posições hierárquicas ou de sua dignidade. Frequentemente utilizavam cavalos, mas também combatiam a pé (Commelin, 2011, 220).*

⁸ *Habitantes da Cítia. A Cítia era uma vasta região ao norte do mundo. Provavelmente, ao curso inferior do Rio Danúbio, do Mar Negro e do Mar Cáspio. Esta região era habitada de tribos nômades (Spalding, 1965, 63).*

A não serem Colheitas perigosas,
Que a liberdade, a vida tem custado
A muitos, que as haviam frequentado.

VIII

Entre Nações imensas, que habitando
Estão a inculta Brenha, os Bosques, os Rios,
Da doce liberdade desfrutando
Os bens, os privilégios, e os desvios
Da sórdida avareza, e desprezando
⁹ Projetos de Ambição, todos ímpios,
A bárbara fereza, a ebriedade
Associada se acha com a crueldade.

IX

Nas densas trevas da Gentilidade,
Sem Templo, Culto ou Rito permanente,
Parece, da noção da Divindade,
Alheios vivem, dela independente,
Abusando da mesma liberdade,
Que lhes concede esse Ente Onipotente,
Por frívolos motivos vendo a Terra
Do Sangue tinta, de uma injusta Guerra.

X

Algumas há Nações, que as mais excedem
No bárbaro costume, e crueldade,
Com que o esforço, e valentia medem,
Repugnante à razão, à humanidade.
Da envenenada flecha, que despedem,
A escolha pende da voracidade,
Com que o inerme peito acometendo,
Da vida o privam, para o ir comendo.

XI

⁹ É bem constante e notório o Caráter dos nossos Índios do Estado do Pará, inteiramente despidos do estímulo de Ambição, passando mesmo inatentos ao uso dos Vestidos, Véstias, Sapatos, etc. Mas isso procede do vício da Criação, e do abatimento, em que os Antigos Conquistadores conservam os Índios todos.

¹⁰ Quais Tártaros¹¹, os outros, vagabundos,
No corço, e na rapina se empregando,
Em Choça informe vivem, tão jucundos,
Como em dourados tetos, Espreitando
Nas margens lá do Rio, e Lagos fundos,
O incauto Navegante, que passando,
Vai de perigos mil preocupado,
Só do mais iminente descuidado.

XII

Qual Lobo astuto, que o Rebanho vendo,
Passar, de Ovelhas, do Pastor seguido
A desgarrada logo acometendo
Fez certa presa, sem ser pressentido,
A ensanguentada face então lambendo,
A negra gruta já restituído¹²,
Cruel, insaciável, se prepara,
Medita nova empresa, e se prepara.

XIII

Tal do feroz Mura, agigantado
Costume é certo, invariável uso;
Que desde o Rio Madeira, já espalhado

¹⁰ Entre várias Nações de Gentios de Corço, menos conhecidos, como Mauás, Miranhas, Chituás, etc. que habitam o Rio Japurá, é mais conhecida a grande Nação dos Muras; pois não sendo Antropófagos, só se empregam em matar, e roubar tanto os Brancos, como os Índios domésticos, como Selvagens. Até o Ano de 1756 não consta saísse do Rio Madeira os Muras. Agora infestavam o Amazonas, e seus confluente todos.

¹¹ Habitantes da antiga Tartária (Sibéria). Como resultado das migrações, os atuais tártaros são resultantes de cruzamentos de diversas tribos altaicas, entre os quais os Búlgaros do Volga e os Mongóis; habitam, principalmente, a atual República Autônoma da Tartária, cuja capital é Kazan, situada na região do Volga. A língua falada pelos tártaros, chamada de tártaro do Volga, é um idioma turcomano ocidental, do grupo kiptchak, falado também em outras regiões da Federação Russa (Hauiss, 2001, 2675).

¹² Originalmente “restuhido”. A edição de 1819 e a de 2012 corrigiram, de acordo com a ortografia vigente, para “restituído”.

Se vê em distância tal, e tão difuso
Nos Rios confluentes, que habitado
Parece só por ele, e ao confuso,
Perplexo Passageiro intimidando,
Seus bárbaros intentos vai logrando.

XIV

Dali, vê o Navegante embaraçado
Em passo, que parece se despenha
A margem sobranceira, ou já parado
Na forte Correnteza, que se empenha
O Barco a submergir, arrebatado;
Lá quando esperançado, que só tenha
O descanso lugar; trégua a fadiga
Então a Vida, e bens, tudo periga.

XV

Daqui de agudas flechas um chuveiro,
Por entre espessos ramos, despendido,
Traspassa o Navegante, e o Remeiro,
Ou do terror da morte possuído,
Ou faz precipitar na Onda, primeiro,
Preferindo deixar tudo perdido,
Que expor a amada vida, a morte certa,
Em Ara¹³ impura, involuntária oferta.

XVI

Qual Ave de rapina, insaciável,
Ligeira desce, e despedaça a Presa,
Ou de Corvos o bando inumerável,
Acode a saciar-se na indefesa,
Assim deste Gentio¹⁴ a formidável

¹³ Local de sacrifício; espécie de mesa onde os pagãos ofereciam sacrifício aos seus deuses; bancada onde se coloca a hóstia e o cálice durante as cerimônias católicas.

¹⁴ Originalmente, entre os Judeus o gentio era o estrangeiro, aquele que não professava a religião judaica. O termo passou a designar todo aquele que professava o paganismo ou tido como incivilizado. O termo ficou cunhado entre os cronistas dos séculos XVI a XIX para designar todos os Índigenas avessos a colonização e a religião cristã.

Corte repartida, com destreza
15 Em barcos, tão ligeiros, como informes,
Mais temíveis se fazem; mais enormes.

XVII

Não mitiga o cruel o feroz peito,
A tenra idade do mimoso infante,
Nem a piedade move, nem respeito
Do decrepito Velho, o incessante
Rogo, e clamor, só fica satisfeito
Vendo o Cadáver frio, ou palpitante
O coração; O mar, e a terra tinta
De sangue, que não deixa a raiva extinta.

XVIII¹⁶

Sem distinção de Sexo, ou qualidade,
Ou tudo mata, ou leva maniatado,
Em duro cativeiro, onde a maldade,
O trabalho combina, destinado
Aos diferentes Sexos, e a idade
Dos Prisioneiros, sendo castigado
O negligente, com tal aspereza,
Que prova é convincente da fereza.

XIX

De insípido Manjar alimentando
A robustez, na vida vagabunda
Perigos, e trabalhos desprezando,
Só de fereza na miséria abunda

¹⁵ As embarcações deste gentio são ordinariamente só Cascas de pau, ou Árvores, compridas, e pouco largas; nestas se embarcam 8, 12, 15 Muras, sentados uns diante dos outros, como os remos, como Pás; para atirar se levantam, despedindo as flechas dos grandes Arcos, com muita violência.

¹⁶ Na oitava 18 se fala dos Prisioneiros; estes são os Velhos, e rapazes, que da Morte escapam, e são empregados pelos Muras, em fazer Arcos, flechas na fábrica das informes Choças; na Caça, Pescaria, etc. enquanto as mulheres prisioneiras, se empregam em fiar Algodão, para fio, e para envolver as mesmas flechas; em fazer louça, farinha de mandioca, ou Beijus, /espécie de bolo feito da mesma/ em cozinhar o Peixe, e Caça, etc. sendo castigados todos asperamente se não completam o trabalho diário, que se lhes destina.

Todo o vigor dos tempos tolerando,
O maior bem da independência funda.
Sem Lei, sem pouso, e sem autoridade,
Só os acidentes têm da Humanidade.

XX

A mesma foge, às vezes, consternada
Vendo infernal abuso de impiedade
Que até no frágil Sexo exercitada
¹⁷ Depois da Morte, extinta a crueldade,
Do modo mais sensível ultrajada,
Que aos Tiranos lembrou, em toda idade,
Transforma a mesma Barca de Aqueronte¹⁸,
Em Templo da Lascívia, Altar, e Fonte.

XXI

Mas da minha Casta Musa se horroriza;
Vai-me faltando a Voz; Destemperada
A Lira vejo; A mágoa se eterniza.
Suspenda-se a Pintura, que enlutada
Das lágrimas, que pede, legaliza,
Vendo a mesma Natureza ultrajada
A dor; o susto; O pasmo; O sentimento
Procure-se outro tom, Novo Instrumento.

Fim do Primeiro Canto

¹⁷ É bem constante, como o Gênio Mura barbaramente abusa das mulheres Prisioneiras, e ainda depois de Mortas, na Ação de as Cativar, à Violência das flechas, não dispensando este horroroso Costume, como distintivo da nação.

¹⁸ Aqueronte, na mitologia greco-latina, era o Rio dos Infernos. Era o filho do Sol e da Terra, transformado em Rio e lançado nos Infernos por ter fornecido água aos Titãs quando fizeram guerra a Júpiter. Aqueronte é afluente do Estige. Suas águas eram amargas, lodosas e borbulhantes (Spalding, 1965, 22). O curso do Aqueronte era tão impetuoso que arrastava como grãos de areia grossos blocos de rochas (Commelin, 2011, 186-187).

CANTO SEGUNDO

Argumento

Já frustrados os meios, que a brandura
Da Religião, e Humanidade inspira,
Quando os da força desviar procura
Do Onipotente se suspende a ira,
Um Paraninfo desce, ao feliz Mura,
Disfarçado, anuncia a Luz, que gira
Da Fé, na Órbita eterna, Sacrossanta;
O Apóstata confunde; ao Mura espanta.

I

Do Inverno a longa Noite, e tenebrosa,
Em Nuvem densa envolta, que ameaça,
Além da Obscuridade, ser chuvosa,
E o Caminhante em dividas enlaça,
Temendo, sem saber, se já enganosa
Vereda, que então segue, nova traça
Do Destino será, que a sepultura
Aproximando-o vai, certa, e segura.

II

Do temor e cansaço enfim rendido,
O passo então suspende, irresoluto;
Mil pensamentos tendo no sentido,
Que lhe inspira o pavor, aumenta astuto.
Até, que alegre se acha surpreendido
Do Sol, que no Horizonte, o negro luto
Desterrando, lhe infunde um novo assento
Com que admire o sucesso, qual portento.

III

Na densa treva, assim da adversidade,
Do terror, do receio, e da incerteza,
Vivia absorto o Povo da Cidade;
Das Vilas; do Sertão, em que a fereza
Dos bárbaros Muras, sem piedade
Amontoando estragos, sem defesa
Achava o Vigilante, e o Descuidado,
De todos sendo igual a Sorte, o fado.

IV

Não se cansava o Zelo, e a piedade,
De Meios a procurar mais adequados
A Conversão de tal Gentilidade.
Mas sempre os lamentava então frustrados.
Mil vezes, com o fervor da Caridade,
¹⁹ Das Religiões os Filhos, animada,
Entre perigos mil, e a mesma Morte,
Se esforçavam buscar-lhes melhor sorte.

V

Mil vezes reduzi-los se intentava
Com dádivas, promessas, e Carícias;
Do empenho nada enfim mais resultava
Que esperanças de Paz, todas fictícias.
Nada a fereza indômita abrandava;
Nada impedia as bárbaras sevícias.
A confiança achava o desengano
De mão traidora, em Golpe desumano.

VI

Qual incauto Menino, que afagando
A Fera, que em descanso está lambendo
A presa, que matou, se vai chegando

¹⁹ Não só os Jesuítas, que no Rio Madeira tinham Missões até o Ano de 1756; mas ainda os Carmelitas, e Mercenários, intentaram, por algumas vezes, intimando aos Muras, por intérpretes, as Verdades de nossa Santa Fé, reduzi-los, e agregá-los ao Grêmio da Igreja, buscando-os nos Bosques, mas sempre foi frustrada esta diligência.

No descuido, que o leva se entretendo;
De repente se alcança estar gritando,
Já nas garras da Fera, e já morrendo;
De inocente descuido; de imprudente
Confiança, exemplar mais convincente.

VII

Assim perdida já toda esperança
De Sossego; de Paz, ou de Amizade,
De Conversão, Comércio, ou Aliança,
Só lembrava evitar-se a crueldade.
Castigo casual jamais alcança
Emenda permanente, da impiedade;
Fomenta a tolerância, o Sofrimento,
O desprezo, Ousadia, e atrevimento.

VIII

Dos Monarcas inata piedade;
O desejo da Fé ver propagada,
De remora servindo a lealdade
Embaraça a Vingança desejada,
Lamenta o Valor a Ociosidade
Das Armas, que algum dia só empregada,
Hora em Louros tecer, com que adornava
A Frente, que os Triunfos desprezava.

IX

Mas lá desde o Divino Consistório,
Do Eterno, Imutável, Sábio, e Justo,
Onipotente Ser, Desse alto Empório,
Desse veloz o Mensageiro Augusto,
Do continente em alto Promontório.
Descansa o Voo ligeiro. E vê o robusto
Indômito Mura fatigado;
Estragos meditando, e descuidado.

X

²⁰ Entre eles, nos Apóstatas repara,

²⁰ Apóstatas. Índios batizados das nossas Povoações, e civilizações, os quais ausentando-se Delas, se agregam aos Muras nos Bosques, e os

Que a Fé; a Igreja; os Dogmas desprezando,
Quais aptos Emissários já prepara
O Príncipe das Trevas, que inspirando
Aos Bárbaros, rancor; astúcia rara,
Mais que eles infiéis, fossem guiando
O pressaroso passo; A mão armada
Empresa executar premeditada.

XI

Em zelo, e Caridade então ardendo,
No amor do seu Senhor todo abrasado,
O Embaixador Celeste removendo
As trevas vai; e tudo transformado,
(rasurado)... aos que está vendo²¹;
Se chega mansamente, ao que encostado
Em Arco informe, aguda flecha aponta,
Só mortes meditando, estrago apronta.

XII

²² Que fazes? Meu Irmão! / lhe diz sereno /
De Inimigos se teme novo insulto?
Quando eu cuidara, que Regato Ameno,
Banhando te acharia, e dando indulto
Aos laços Membros; Veja, que o terreno,
De frutas; plantas, produções inculto,
Coberto está de flechas; de instrumentos,

incitam e ensinam, sendo muito piores, que os mesmos Muras, na Mortandade, nos roubos, e estragos, que fazem nos moradores, e Viajantes Brancos, e Índios das Povoações do Sertão.

²¹ *No manuscrito está rasurado, aparentemente intencionalmente. A edição de 1993 não transcreve o que está na rasura; a edição de 2012 informa em nota de rodapé o que estava na edição de 1819. Em realidade, a edição de 1819 cometeu um erro que deslocou a estrofe inteira para o Terceiro Canto (vide Notas da Edição), No referido verso (Canto 3. Estrofe 11. Verso 5), com correção ortográfica, lê-se:*

Na aparência igual aos que está vendo.

²² Ficção poética que calizada se pode acreditar, aplicando-se ao interior, toque, e inspiração, que lhes servido foi dar aos Muras, não sendo verossímil, que sem particular providência, se sujeitassem, e fizessem, O que em tantos Anos anteriores Conseguisse pôde.

Que indicam todos belicosos intentos!

XIII

Ah! Deixa estar, um pouco, já ocioso,
Esse Valor cruel, bárbaro insano!
Dá-me atenção, ouvindo-me, officioso
Em relatar-te o que parece Arcano.
Conheces, que aborreço o mentiroso;
Ouve-me, enfim; Verás o desengano;
Notícias te darei, que não te assuste;
Que lágrimas de gosto, só te custe.

XIV

Perplexo então o Mura, olhando atento,
Ver parecia no Mancebo adusto,
Um seu Parente, que um golpe violento,
De ramo, separado, mas robusto,
Nas Ondas vez cair; sanguinolento.
Despojo reputado, que do injusto
Fado, alimento estava destinado,
Dum Crocodilo enorme, e devorado.

XV

És tu! / Lhe diz enfim / Parente amado!
Como evitar pudestes tais perigos?
Ou de entre os Mortos vens ressuscitado,
A visitar-me a mim aos teus Amigos?
Vem a meus braços... (rasurado)²³.
O Coração... Esta Alma... Já os antigos...
Esforços... Mas a língua... não me ajuda!
Não faz efeito tal a flecha aguda!

XVI

Sou teu Irmão, não temas, respondendo
Lhe diz o Paraninfo disfarçado.

²³ *No manuscrito está rasurado, aparentemente intencionalmente. A edição de 1993 não transcreve o que está na rasura; a edição de 2012 acompanha a transcrição. A edição de 1819 (Canto 3. Estrofe 15. Verso 5), com correção ortográfica, lê-se:*

Vem a meus braços... mas tenho gelado.

Igual o gosto meu, ao que estou vendo
Em ti; Mas o que eu tenho é consumado.
Disfarça, diz o Mura, que atendendo
Te vou, com gosto, alegre, e admirado:
Eu o Arco, a flecha, e tudo enfim deponho,
Sentado, ouvir-te²⁴ atento-me disponho.

XVII

À sombra, em relva agreste, reclinados,
Na Margem de um Riacho Cristalino,
Juntos os dois, fingindo dos cansados
Passos, reposto estar, o que em Divino
Serviço, e diligência os elevados
Espaços, tão imensos, repentino,
Velo, qual pensamentos peragrado²⁵.
Tinha; feliz em ser ele empregado²⁶.

XVIII

Com plácido semblante, alegre rosto,
Assim falou o Celeste Mensageiro;
Mostrando absorto estar no maior gosto,
De Aromas exalando suave cheiro:
Amado Irmão! Não sei qual mais ditoso
De nós eu considere; tu primeiro
Escolhido já foste do Destino,
Para um Deus conhecer, Um Ser Divino.

XIX

²⁴ Na transcrição de 1993 a expressão é “ouviste”. A edição de 2012 acompanha a edição de 1819 (Canto 3, Estrofe 16, Verso 8). O manuscrito pareceu-nos *dúbio*, optamos por “ouvir-te” por fazer mais sentido à oração.

²⁵ A expressão “peragrado” deve referir-se a peragração, do latim *peragratio*, *onis*, que significa a ação de percorrer. A edição de 2012 acrescenta em nota de rodapé os significados *percorrer* e *viajar*.

²⁶ Na transcrição de 1993 o verso oitavo foi suprimido. A falha pode ser verificada na edição *fac-simile*. Aparece, contudo, na Edição de 1819 (Canto 3, Estrofe 17). A edição de 2012 segue a transcrição e suprime o verso, no entanto acrescenta-o em nota de rodapé antes informando “falta o 8º verso” e dá o que está na edição de 1819 (Vide Notas da Edição).

Aquele, que da Queda, e do perigo
²⁷Do abismo me livrou, precipitando
Soberbos ramos desse Tronco antigo,
Que ao mais alto igualar, se ia jactando:
Aquele Onipotente, que contigo,
Com todos, tão piedoso se ostentando,
O Céu; a Terra; As Aves; Feras, tudo
Criou; Dá vida ao Morto; A fala ao mudo.

XX

Absorto, ouvindo o Mura a novidade,
Dos desusados termos, de admirado,
Responde aflito: Ah! temo na verdade,
Que algum abalo a queda tem causado.
Talvez do Tronco, ou ramo a qualidade,
Nocivo humor, veneno disfarçado,
No sangue introduzido, que delirante
Se inspire um pensamento extravagante.

XXI

Ah! quantos acertos – diz o Mensageiro /
Em dizer, que fatal venero, insano,
Introduziu oculto, o verdadeiro
Motivo do destino, que esse Humano,
Mais perfeito, que nós, sendo o primeiro,
Na culpa fez cair, do grande Arcano
Indagar pretender da Divindade,
Comendo o Pomo da infelicidade.

XXII

Menos te entendo agora; Misterioso
Parecendo o Sentido, em que falaste!
/O Bárbaro responde, já ansioso/
Mas já que apertar vai-me principiaste²⁸

²⁷ Metáfora, aludindo ao pecado, e Culpa do Primeiro Homem, e a anterior rebelião dos Anjos maus, que com seu Chefe Lúcifer, precipitados foram aos Infernais Abismos, por se querer a assemelhar ao Altíssimo.

²⁸ A edição de 1819, comete uma licença poética e corrige o verso (canto 2. Estrofe 22. Verso 4) para:

O trabalho (rasuras)²⁹, e que gostoso,
A ouvir-te me propus; embora gaste
O dia; a Noite, e que se perca a Caça,
É justo o meu desejo eu satisfaça.

Fim do Segundo Canto

Mas já que a perturbar-me começaste

²⁹ *No manuscrito está rasurado, aparentemente intencionalmente. A edição de 1993 não transcreve o que está na rasura; a edição de 2012 acompanha a transcrição mas informa, em nota de rodapé, o que estava na edição de 1819 (Canto 2. Estrofe 22. Verso 5), observando o manuscrito, aparentemente, as edições de 1819 e 2012 fizeram-no acertadamente.*

O trabalho preciso, e que gostoso.

CANTO TERCEIRO

Argumento

Do Céu o Murificado Mensageiro,
Prosegue a persuadir ao Mura atento,
No Imapiri, que busque o verdadeiro
Desengano, e Ventura do portento.
Já convencido o Bárbaro primeiro,
Aos Companheiros patenteia o intento;
Mas dum Ancião repulsa encontra irada,
Que em sucessos passados é fundada.

I

O Zéfiro³⁰ mais brando, que movendo,
A flor mimosa, a gala acrescenta,
Tão sereno não é; Nem vai fazendo
Efeito tão suave; Assim violenta
Torrente das paixões já suspendendo,
As luzes da Razão, faz ser atenta
O Anjo quando relata a formosura
Do Criador; Criado e Criatura.

II

Não te posso explicar, Irmão Amado!
De altos Mistérios, maravilhas tantas.
O Autor Supremo / diz o Anjo humanado /

³⁰ Na mitologia greco-latina, o Zéfiro era o vento do ocidente, filho de Éolo ou de Astreu, e da Aurora. Desposou-se com Flora, com quem teve diversos filhos. Tratava-se de um vento benéfico e agradável por fazer desabrochar as flores e amadurecer os frutos (Spalding, 1965, 274; Commelin, 2011, 106-107).

O seu poder; As providências Santas;
De densas trevas inda estás cercado:
Das Causas naturais inda te espantas;
Tão débil é, tão fraca a Natureza
Que malograr faria a minha empresa.

III

Só por ora, dizer-te é permitido,
Que o tempo já feliz; da Fé o reinado
Finalmente chegou; em que admitido
O Mura venturoso, enfim chamado
Ao Rebanho é daquele, que escolhido
Bom Pastor, e Supremo / resgatado
Por mais subido preço o Cativo /
Quis, sendo Deus, ser Homem verdadeiro.

IV

Que este Rebanho seu, e Povo amado,
Na unidade da Fé; Da Caridade
Um corpo constitui, que aterrado
Tem o poder das Trevas, da maldade;
Um Povo Santo, e Justo, destinado
A lograr, com seu Chefe, eternidade
De gosto, de sossego, e de doçura,
Na Habitação Celeste da Ventura.

V

E para que conheças a verdade
De tudo, que eu relato, vai correndo,
Vai logo; Ajunta os teus, com brevidade,
Verás, se é certo, o que te estou dizendo;
Vamos seguindo, enquanto há claridade,
³¹O caminho da Aldeia, em que vivendo
Tapuias, como nós, mas satisfeitos,

³¹ Aldeia: É o Lugar de S. Antônio de Imaripi, no Rio Japurá; no qual já fazendo os Muras, por vezes, hostilidades, e mortes, ultimamente pretendiam cercar, e acabar, o que conseguiriam, se o Diretor do dito Lugar por nome Matias Fernandes, não só embarcasse, mas, com valor temerário, no Rio os atacou, os combateu, e afugentou.

A Lei de um Deus conhecem; Seus Preceitos.

VI

O Povo dessa Aldeia é conhecido,
No repetido estrago, que tem feito
Dos Muras a Nação, jamais vencido,
Nesses vizinhos seus; Que o fraco peito
Só sabem lastimar, quando ferido,
Sem do valor ter no despique efeito.
Mas nesse mesmo Povo há, quem destina
A Providência, evite a nossa ruina.

VII

³²Há quem servil temor, pálido susto,
Jamais assalto nosso enfim causando,
Nos encaminhe a quem o Nome Augusto
³³Do Precursor de um Deus, desempenhando,
No ministério, e Rito Santo, e justo;
Só da piedade os meios adotando,
Os braços seus abrindo com ternura
Justiça, e Paz fará só ser ventura.

VIII

Tereis nos Povos vossos numerosos
Abundantes Colheitas sazonadas,
Vereis nos Portos vossos vantajosos
Comércios florescer, e procuradas
Serão as Armas vossas: Poderosos
Enfim sereis, Amada, invejadas,
Serão vossas venturas; finalmente,
Podereis felizes ser eternamente.

IX

Qual fresco Orvalho, que nutre, humectando

³² Aludindo ao mesmo referido Diretor Matias Fernandes nos muitos choques que com os Ditos teve.

³³ O Tenente Coronel João Batista Martel, Primeiro Comissário por parte de S. M. na Quarta na Quarta (sic) Divisão de Limites empregado, e então no Quartel de Depósito, e Vila de Ega, no Rio Solimões existente; em concurso com a Partida Espanhola, por S. M. destinada ao mesmo fim das Demarcações.

A flor; a fruta, a planta proveitosa,
Do Bálsamo, e de Aroma cultivando
A qualidade inata, e prodigiosa;
Assim na Alma imortal, fertilizando
Doutrina foi, disposição ditosa.
Ah força irresistível da Verdade!
Oh de Lei Santa, Ilustre qualidade!

X

Qual de prezado sono despertando,
O Mura se levanta arrebatado,
E se foi pensativo encaminhando,
Se dos cuidados seus acompanhado,
Para onde os Companheiros disfarçando
Estavam do trabalho acostumado:
E ali de estranho impulso comovido,
Lhes diz; Ou diz, por quem foi convencido.

XI

Levantai-vos! Parentes meus amados!
Despertai, de letargo tão profundo!
Olhai, que para empresa sois chamado,
Que Nome vos dará, já em todo o Mundo.
Temidos, até agora, respeitados,
Só Fomos com Desertos; Bosques imundo.
Mas já o Destino quer, a nossa sorte
Que o Mundo todo admire ao Mura forte.

XII

Que crédito se alcança? Que proveito,
De sermos vagabundos matadores?
Se a ser cruéis instiga o feroz peito,
Por ventura seremos Acredores
Da Paz, da piedade, ou do respeito,
Dos mais do denso Bosque Habitadores!
Apesar do Valor, e da destreza,
Só nos reputam Monstros da Fereza.

XIII

³⁴ Quem pode duvidar, que carecemos
De tudo, que alcançamos na rapina?
Expôr-nos para a posse enfim devemos
A mil perigos; morte; inteira ruina.
Não é loucura, se isto ter podemos
Sem susto, ou contingência repentina,
Que os meios adotemos arriscados,
Ter podendo os seguros, acertados?

XIV

Por ventura com a paz, sendo aliados
Dos Brancos; dos Tapuias moradores
Dos mesmos Povos, por nós assolados.
Não seremos também mercedores,
De sermos no Comércio contemplados³⁵?
De achar para os efeitos compradores,
Se o tempo, que em mil crimes empregado
For na Pesca, ou Colheita aproveitado?

XV

Atentos ouvem todos a proposta,
Ainda que estranha, sem maior reparo,
Pois a Verdade bela nada aposta
É bárbara fereza, ou peito avaro.
Mas entre os Anciões, um Velho encosta
A ressecada mão, com gesto raro,
Na negra face adusta, e enrugada,
Estremado responde, em Voz irada.

XVI

Oh, dos teus poucos amos, louco efeito!

³⁴ É bem natural, que este fosse o discurso e que estas reflexões fizessem os Muras; pois é certo careciam, fartavam e se utilizavam das facas, machados, ferramentas, e da roupa dos que matavam nas Povoações, e pelos Rios, que infestavam; Não tendo nem Comércio, nem Comunicação nenhuma com os Brancos, nem com os Índios civilizados. Antes sendo temidos, e aborrecidos de todos os mesmos Brancos e Índios.

³⁵ A transcrição de 1993 é “contemptados”, mas trata-se de gralha. As edições de 2012 e 1819 (canto 2, estrofe 14, verso 5) seguem o original, tal como representamos.

Da confiança vil, temeridade!
Que atenção nos merece, ou que conceito,
Conselho, que envilece a tua idade?
Queres, que ao ferro, generoso peito
Entregue a Paz? Ou perca a liberdade,
A doce liberdade, o valoroso
Mura, em grilhão pesado, e vergonhoso?

XVII

³⁶Já não lembra o agravo, a falsidade,
Que contra nós os Brancos maquinaram?
Os Autores não foram da crueldade?
Eles, que aos infelizes a ensinaram?
Debaixo de pretextos de Amizade,
Alguns matando, outros manietaram³⁷,
Levando-os para um triste Cativoiro,
Sorte a mais infeliz, mal verdadeiro.

XVIII

Grilhões, Ferros, Algemas, Gargalheira,
Açoites, Fomes, Desamparo, e Morte,
Da ingratidão foi sempre a derradeira
Retribuição, que teve a nossa sorte.
Desse Madeira e exploração primeira,
Impediu, por ventura, o Mura forte?
Suas Canoas vimos navegando,
Diz, fomos, por ventura, os maltratando?

³⁶ Aludindo ao tempo, em que os Moradores do Estado do Pará, e Maranhão licença tinham, e usavam de comprar Índios escravos, daquelas Nações, que em justa Guerra e outras, cativam, e destinados eram a servir de Alimento aos Vencedores. Pelas Bulas Pontífices, e pelas Reais Leis se aboliu esse costume. Nesse tempo, um certo viajante, morador do Pará, debaixo de pretextos amistosos, aleivosamente levou alguns Muras; vendeu por escravos alguns, e matou outros mais.

³⁷ Na transcrição de 1993 o verso sexto foi suprimido. A falha pode ser verificada na edição fac-simile. Aparece, contudo, na Edição de 1819 (Canto 2, Estrofe 17). A edição de 2012 segue a transcrição e suprime o verso, no entanto acrescenta-o em nota de rodapé antes informando “falta o 6º verso” e dá o que está na edição de 1819 (Vide Notas da Edição).

XIX

Para os alimentar, matalotagem
Buscava nosso Amor, nosso cuidado;
A Tartaruga, o Peixe na viagem
Lhes dávamos, e tudo acompanhado
De frutas, e tributos de homenagem,
Em voluntária oferta, que frustrado
O receio deixasse; A Confiança
Aumentando, firmasse a Aliança.

XX

Que mais fazer podia o Irmão? O Amigo?
Que provas queres mais de falsidade?
São estes entre os quais buscas Abrigo?
É nesta em que te fias amizade?
Ah Mura incauto! Teme o inimigo
Que tem de falso toda a qualidade
O que a força não pode; faz destreza,
Valor equivocando com a Vileza.

XXI

Assim falando o Velho se levanta;
O lento passo ao Bosque encaminhando.
Mas o Orador de nada já se espanta,
Pois tal oposição estava esperando:
E como nele obrava força santa
De um Deus, que o mesmo esforço ia aumentando;
Nos Bárbaros infunde um tal conceito,
Que a preferência alcança, com o respeito.

Fim do Terceiro Canto

CANTO QUARTO

Argumento

A oposição se vence, e tudo parte;
No Imaripi, com pasmo, é recebido.
Mimo, agasalho encontra; Ali reparte
Presentes preparados; Persuadido
Por Fernandes honrado, que se aparte
Do Paganismo, e Bosques; precedido
Pelo Anjo, por Fernandes é levado
A Tefé, onde ao Chefe é apresentado.

I

Qual vento impetuoso, que arrancado
Do Campo a flor; do Bosque alto Carvalho,
Sem resistência os leva; abalando
Vai Torres, e Edifícios, sem trabalho;
No trânsito violento, não deixando
De Estradas indícios; ou sinal de atalho;
Assim, não de outra sorte, irresistível
Força acompanha a Voz, efeito incrível.

II

Vinde, lhes diz o Mura, Oh Companheiros!
Que duvidais ainda irresolutos?
Por ventura seremos os primeiros?
Entre os mais, só discretos; mais astutos?
Por ser verdade um fato: verdadeiros
Todos serão? Ah não se imite os Brutos!
Sempre ostentais valor, em toda empresa,
Valor se ostente nesta, com firmeza.

III

Disse, E voltando, o remo, o Arco empunha;
À margem já do Rio se encaminha.
Segue o Bando maior, que então compunha
³⁸Desta Maloca o Povo, e da vizinha;
A tal resolução nada se opunha;
O pensamento alheio, se adivinha;
A oculta força, que movia o peito,
Só produzir podia tal efeito.

IV

Não se repara em Sexo, ou qualidade,
Tudo embarcar pretende, com porfia;
Nas Ubás não cabendo a quantidade,
Que aos mais associar-se já queria.
Só falta embarcação; Sobra vontade.
Fica o cuidado, e cresce em cada dia;
Já as cristalinas águas separando,
Ligeira Esquadra vai; Vai navegando.

V

Não despreza a lembrança o próprio meio
De conciliar o afeto contingente;
Servindo a Pesca, e Caça de recreio,
De Alimento, e destino de Presente.
Já nada inspira horror; nada receio;
Chegar só se pretende brevemente
A Imaripi, Lugar de Antônio Santo,
Da Lísia, Pádua Lustre; Do Orbe espanto.

VI

³⁹Se avista enfim o porto procurado;

³⁸ Maloca. São assim denominados, pelos moradores do Estado do Pará, aqueles Bandos de Gentios, que separados, e espalhados vivem, e que, muitas vezes, excedem o número de 300 Homens, Mulheres, e Crianças; vivendo promiscuamente, e vagabundos.

³⁹ Novidade causou na verdade, e causar devia, ver os mesmos Muras, que havia poucos dias intentavam matar os Moradores deste Lugar, e assaltar tudo; vê-los, digo, procurar debaixo da maior paz, e Confiança os

Tanto espanto, o terror aos Moradores
Causando, quando aos Muras já cuidado.
Uns, e Outros mandando exploradores,
O Alvorço procuram desusado
Saber; se é de Inimigos agressores.
Mas, quem lhes guia os passos, e a Vontade;
Sossego inspira, paz, tranquilidade.

VII

O Remo, que o temor tinha Suspenso
De novamente as águas separando,
Faz, que veloz o Barco já no extenso
Porto, e praia, se veja ir encalhando.
Entre festivas vozes; gosto imenso,
Os hóspedes estranhos encontrando
Os Moradores vão; Vê-se, à porfia,
Afago; Abraços; mostras de alegria.

VIII

A todos precedendo, vai primeiro
Matias, já dos Muras conhecido;
A quem por Diretor, e por guerreiro
Seguindo; respeitavam destemido.
Alvorçado estava o Povo inteiro
De ali o Parente; Aqui o filho perdido
⁴⁰ Ao Pai; a Irmãos; a Amigos encontrando,
Com lágrimas o peito ia banhando.

IX

Sossega o alvorço; Mutualmente
Nas Praias, Ruas, Casas, se festejam;
Cada um ao Mura faz lá seu presente;
Este correspondendo, aos que o cortejam,
Reparte a Caça, o peixe mui contente;

mesmos Moradores, foi igual a Surpresa e natural, mas extraordinário, a Uniformidade dos Sentimentos, em todos.

⁴⁰ Neste encontro saíram muitos, e com os Muras vieram, que furtados, e aprisionados por eles tinham sido. Ainda que Bárbaros não ignoravam, quanto este passo, este proceder, concorrer podia, e devia, para cativos as vontades, e adiantar a reconciliação, e Amizade.

Mas vendo, que saber os mais desejam,
Se como Amigos hão de ser tratados,
Lhes diz Fernandes, por quem são chamados.

X

Oh Muras Valorosos! Eu conheço
Esta obra ser da Mão do Onipotente;
Que a Ele só se deve, enfim conheço;
Louvor Lhe seja dado eternamente!
Resta, que conheçais a que professo
Lei Santa, imaculada; Que esta gente,
Vossa Nação inteira reconheça
A Deus; A Soberana, e lhe obedeça.

XI

Eu sei, que agravos tendes na lembrança,
Feitos por quem, só enganos meditava,
Nos Homens, como em Tempos, há mudança;
A ofensa, o Sangue derramado lava.
Desafrontado o Mura agora alcança
A Paz, que ele; Que o Rei; que eu desejava.
Sereis nossos Irmãos; Filhos da Igreja;
Concidadãos, Amigos; do Orbe inveja.

XII

Este o tempo feliz, que destinava,
O Céu, para que em vós a Luz raiasse;
Que Aquele, que este Estado Governava,
Perto de vós, enfim, também se achasse.
⁴¹O Ilustre João Pereira, que buscava
Os Meios, que ninguém Vos molestasse;
Fé tendo, incontrastável esperança,
Que Deus em vós faria esta mudança.

XIII

⁴¹ O Ilmo. e Exmo, Snor, João Pereira Caldas, Governador, e Capitão General que foi do Pará, então existente em Barcelos, Vila Capital da Capitania do Rio Negro, e Comissário General nas Demarcações dos Reais Limites, com a Coroa de Espanha, sempre os possíveis esforços fez; as mais terminantes ordens distribuiu, para que se não molestassem, e violentassem os Muras.

Pede este Herói; Deus lho concede, e vejo,
Que da Virtude é prêmio este portento;
Que o conheçais, e Ameis também desejo,
Pois este o meu empenho, o meu intento.
⁴²Vereis em outro João, justo festejo;
Ao vosso bem vereis, como ele atento,
No mesmo Nome tendo a dignidade,
Do Precursor preenche a qualidade.

XIV

Eia! pois filhos meus / Que assim voz chame
Não estranheis, pois vosso bem só quero /
O nosso Deus; A nossa Fé se aclame;
Que Ele vos fortaleça sempre espero;
Que a Sua Graça sobre vós derrame.
Aterre-se esse Monstro hediondo, e fero,
Que em densas trevas; em vil cativoiro,
Vos aparta de Deus, Bem verdadeiro.

XV

Não faz vapor sulfúreo tais efeitos,
Veloz lá de entre as Nuvens despedido.
O mesmo ardor anima logo os peitos;
Do mesmo golpe foi cada um ferido.
Para embarcar não houve mais preceitos;
O Gosto, com a saudade confundido,
O Mura leva o Porto, e o acompanha,
Já o líquido Elemento o remo banha.

XVI

Lá o Anjo Tutelar da Mura Gente,
Desce da Etérea Habitação Celeste,
Deputado de um Deus Onipotente.
De luzes desusadas se reveste.
Qual Nuvem no Deserto, ou Facho ardente,
Que o Israelita guia, e lá da Peste,
Das Pragas; de Faraó, do Cativoiro

⁴² O já referido Tenente Coronel João Batista Mardel, em Ega no Rio Tefé.

Do Egípcio o livra, e serve de Roteiro.

XVII

De Matias assim; do Mura o peito,
Incita o Anjo, e uniforme guia;
Sendo aquele o Moisés ao Povo aceito
Do Mura, que gostoso obedecia;
Desempenhando em tudo tal conceito,
De mil perigos, e da Idolatria
Da escravidão o livra, felizmente
Do Príncipe das Trevas tão potente.

XVIII

Soberbo recebia o Amazonas

⁴³As Ubás do Gentio, que até agora
Desconhecido sendo noutras Zonas,
Passava já a ilustrar Terras, que Aurora⁴⁴
Visita, quando Febo⁴⁵ entre as Matronas⁴⁶

⁴³ Ubás, Espécie de Embarcações, que só de um tronco de pau cavado, sem mais Obras, ou benefício algum, exceto o ter a proa mais aguda, do que a Popa. As Ubás dos Muras, pela maior parte, só são cascas de pau, pela dificuldade de alcançarem machados, e outra ferramenta necessária para a fatura de Ubás, e Canoas.

⁴⁴ Na mitologia greco-latina, Aurora era a filha de Titã e da Terra; ou segundo Hesíodo, de Hipérion e de Tea; e ainda ou de Palas, filho de Creio. Aurora era nuncia do Sol, era quem abria as portas do dia (Spalding, 1965, 35; Commelin, 2011, 85-86).

⁴⁵ Na mitologia greco-latina, Febo Apolo, o deus do sol. O nome Febo, de “Phoibos”, da raiz “fos”: “luz”; e do substantivo “bíou”: “vida” Daí o sentido Luz da Vida. Apolo era o deus da música, da poesia, da eloquência, da medicina, dos augúrios e das artes. Júpiter e Latona eram seus pais, Apolo não é só o deus do Sol, mas é o próprio astro diz Spalding, informação que é contrária a de Commelin, Apolo era distinto do Sol, era o Sol, portanto divindade distinta, chamada Hélios. Era irmão gêmeo de Diana, em grego “Febe” (Spalding, 1965, 21, 102; Commelin, 2011, 33-38, 87).

⁴⁶ As matronas de Ortígia são, ou devem ser, as Pitonisas, ou sacerdotisas, nesse caso de Delos, embora Apolo tivesse outras em Tênedos, Claro, Pátaros, Delfos e em Cumos, na Itália. Este templo de Delos era, incontestavelmente, o mais belo, rico e célebre. (Commelin, 2011, 36, 377).

De Ortígia⁴⁷, nas mantilhas se demora;
E aquelas em que o luminoso giro
Absolvendo, lhes servem de retiro.

XIX

Veloz, contente, alegre, e curioso,
Navega o Mura com seu Guia honrado;
Até, que descobrindo já o vistoso
Rio Tefé, tem gosto duplicado.
Concorre tudo, e ainda duvidoso
De ver, o que já ouviu, verificado.
A praia se povoa; Acode a gente,
No sexo, a mesma idade, indiferente.

XX

⁴⁸Já de Ega chega ao porto, diferente
Do que algum usava cauteloso,
No estrago então cuidando ocultamente.
Agora a Paz a procurar gostoso;
Acompanhado enfim por toda a gente,
⁴⁹Chega ao Quartel do Chefe generoso;
Este os recebe em braços, que enlaçando
Demonstrações de gosto lhes vai dando.

XXI

Assim de um filho ausência lamentando
Pai amoroso, a velho quando chega,
Nos braços recebendo, palpitando
O peito; A voz intercedente nega

⁴⁷ Na mitologia greco-latina, Ortígia é outro nome para a ilha de Delos. Delos era uma ilha no Mar Egeu, pequena e rochosa, que Netuno fez surgir das águas para subtrair Latona à perseguição de Juno. Conforme Spalding, hoje desabitada com o nome de Dili. Conforme Spalding e Commelin, a ilha de Delos era flutuante e foi fixada, conforme alguns, por Jupiter, e segundo outros, por Apolo, como lembrança do asilo que dera a Latona (Spalding, 1965, 73. 194; Commelin, 2011, 33-38).

⁴⁸ Ega. Vila no Rio Solimões; Lugar de concorrência de ambas as Partidas Portuguesa, e Espanhola na Demarcação dos Limites de Ambas as Monarquias; desde Setembro de 1781.

⁴⁹ Quartel do Chefe Português em Ega, o Tenente General Coronel João Batista Martel em 1785.

Palavra articular, e se arrasando
De lágrimas os olhos, só lhe rega
A amada face, em que retrata o gosto;
De idêntico motivo, efeito oposto.

Fim do Quarto Canto

CANTO QUINTO

Argumento

Blindados pelo Chefe, e Moradores,
Satisfeitos os Muras se ausentando,
As Choças chegam; Já os exploradores
As Malocas vizinhas relatando
Feliz sucesso vão; Já fundadores
Fernandes no Amaná, com Ambrósio dando
A Colônia princípio; a vez segunda
A Ega com o Mura Amigo em gosto inunda.

I

Oh Tu Supremo Autor da Natureza!
Que fundas na equidade o teu Juízo;
Protetor da inocência indefesa;
Que ao inseto não faltas com o preciso
Oh Tu! que os corações, Alma, e fereza,
Ilustras, e mitigas; No conciso,
Prescrito espaço pondo os Elementos;
De tudo regulando os Movimentos.

II

Tu foste, que o feroz, bárbaro peito,
Do indômito Mura mitigando,
Tão dócil; tão contente, e satisfeito,
Fizeste a Sociedade se ir chegando.
Dos que te amando, com o maior respeito,
A vítima nas Aras⁵⁰ imolando,
Propiciatório tem, no medianeiro,

⁵⁰ Vide nota de rodapé do Canto 1, Estrofe 15, Verso 8.

Paz, Alimento; Pai, Deus verdadeiro.

III

Faz Época o Sucesso memorável,
Nos Anais do Pará; Da dura Gente;
Pois faz, que assunto sempre lamentável,
Do maior gosto seja transcendente.
Admiração não causa ser domável
O Tigre ser; Manso o Leão; Serpente
Domesticar-se; quando o feroz Mura
Deseja a Paz; Sossego só procura.

IV

Se o Templo lá de Jano⁵¹, entre os Romanos,
Na Paz se fecha; inútil reputando
O culto da Deidade, que os Humanos
Ao seu capricho vai sacrificando.
Os Templos entre os nossos Lusitanos,
Mais que nunca, se ir frequentando;
Agradecendo ao Deus Onipotente,
A Paz, que Ele promove felizmente.

V

⁵¹ *Jano, divindade romana. Conforme alguns, Jano tinha origem Cita, outros atribuíram a Perrébia, cidade da Tessália. Era filho de Apolo e Creúsa, conforme alguns, e conforme outros, de Evadne. Jano partiu para a Itália, construiu uma cidade cujo nome era Janículo, e tornou-se rei do Lácio. Saturno, quando expulso do céu, refugiou-se na corte de Jano, e pela excelente hospitalidade dotou-o de grande prudência, capaz de conhecer o passado e o futuro. Daí porque ele era dotado de duas faces contrapostas. Seu Templo construído em Numa ficava aberto em tempos de guerra e fechado em tempos de paz. Por tais particularidades, e por lhe ser consagrado o primeiro dia do ano, consagrou-se o primeiro mês do ano, ianuaris, em sua homenagem, e o primeiro sacrifício do ano a ser realizado no dia 9 deste mês. Até a época de Júlio Cesar o ano se iniciava em Março, daí porque Setembro, Outubro, Novembro e Dezembro, referem-se o 7º, 8º, 9º e 10º mês. Até esta época, Julho e Agosto eram quintilis e sextilis, respectivamente, isto é, 5º e 6º mês. Era representado tendo uma chave na mão e uma vara na outra, para assinalar que era o guardião das portas, ianuae, donde se origina também a palavra Janela. (Spalding, 1965, 142-143; Commelin, 2011, 165-166).*

Se eles também a Jano dedicaram,
Entre os Meses das Eras, o primeiro;
Ou a Jove⁵² na primícia o consagraram,
Com a Príncipe, entre eles, verdadeiro,
Não menos memoráveis nos ficaram⁵³
Os dias venturosos de Janeiro;
Pois neles nos deu Paz, felicidade
O Autor da Vida; A Fonte da Verdade.

VI

De gostos, que transporte! que alegria!

⁵² Da mitologia greco-latina, *Jove*, forma derivada do acusativo *iouem*, de *iuppiter*, isto é, *Júpiter* – que em grego é *Zeus*. *Júpiter*, o mais poderoso dos deuses, era filho de *Saturno* e *Réia*. Conta-se que *Réia* deu a luz a *Júpiter* na ilha de *Creta*, e, conforme *Spalding*, para ludibriar o marido deu-lhe uma pedra embrulhada em panos, que o voraz deus prontamente engoliu, na versão dada por *Commelin*, *Juno* e *Júpiter* nasceram ao mesmo tempo, ao passo que apenas *Juno* foi prontamente devorada. *Júpiter* foi amamentado no monte *Ida*, pela cabra *Amalteia*, e a cuidado de *Ninfas*. Os *Curetes*, para impedir que o barulho do choro da criança fosse ouvido, dançavam ao redor da gruta aos berros, batendo nos tambores e nos címbalos. Ao crescer, *Júpiter* conheceu-se filho de *Saturno* e foi requerer a sua paternidade. *Titã*, o tio, que tinha delegado o Império do mundo a *Saturno* sob a condição de que ele não gerasse nenhum filho masculino, ignorando a burla de *Réia*, prontamente destituiu *Saturno*, prendeu-o e concedeu o trono a *Júpiter*. *Júpiter* atacou *Titã*, retirou o pai da cadeia e restituiu-lhe o trono. *Saturno*, por sua vez, procurou todos os meios para se ver livre do filho. *Júpiter* revoltou-se contra o pai, expulsou-o do céu e obrigou a morar no *Lácio*. *Júpiter* foi feito senhor absoluto do mundo, e reservou-se ao reino dos céus, deu os mares a *Netuno* e os Infernos a *Plutão*, e desposou-se de sua irmã *Juno*. (*Spalding*, 1965, 146-147; *Commelin*, 2011, 18-23). Vale ressaltar a pluralidade, já na sua fonte primitiva, de narrações no que se refere a mitologia greco-latina, tanto que aqui contrapomos duas delas.

⁵³ A grafia dos séculos XVIII e XIX unificava-se em “*ficarão*” as formas do pretérito perfeito, mais-que-perfeito como também a do futuro do presente. A edição de 2012 opta por *perfeito*. Será difícil precisar o que estava na origem, optamos por deixar no *perfeito* simplesmente porque a maioria dos outros verbos com esta marca assim o são na obra, mas não podemos invalidar a questão cujo futuro do presente seja inteiramente cabível transformando a interpretação, isto é,

Não menos memoráveis nos ficarão

Não dava ver vagando livremente,
O Mura pelas ruas, em que via
O Povo de Admirado, de contente,
Mil provas dando; de quanto vivia
Satisfeito, gostoso, e diferente,
Do bárbaro rancor, inveterado,
Que foi da Lei de Cristo, separado.

VII

Já passa o Dia; passa a Noite; a Sesta,
Sem temor, sem receio, o Mura amigo;
Com os Aldeanos dança já na Festa,
Em Choupana qualquer encontra abrigo.
De todos os cuidados só lhe resta,
De levar não poder todos consigo
As ofertas, os dons; com que gostoso
O Chefe, o Povo, e tudo, o faz mimoso.

VIII

Três dias desta sorte já passados,
O Mura se retira bem saudoso,
Levando, com as ofertas, nos agrados
Desengano melhor, mais poderoso,
De quanto lhe convém, mais de Aliado.
O privilégio ter, do que horroroso
Desassossego; estrago; certa Morte;
De inimigo cruel, destino e sorte.

IX

Chegados a seus Ranchos, recebidos
Com lágrimas de gosto, e alvoroço,
Foram daqueles, que entre mil gemidos,
Choravam dos Parentes o destroço;
Já presos os supondo; já perdidos;
Os pés em duros ferros; e o pescoço
Ao golpe do Cutelo destinado,
Da Confiança exemplar mais mal logrado.

X

Mas já do Principal serve o cuidado;

Repartindo os Presentes com igualdade,
A desterrar conceito mal fundado;
A persuadir dos Brancos a amizade;
Já pedem, que não fique então frustrado
Projeto, que conduz felicidade;
De acordo todos são; Todos contentes,
Não se ouvem pareceres diferentes.

XI

Qual bando de Aves, que ao primeiro grito,
Levanta o voo, deixando amado Ninho;
Assim desta Maloca, O Mura invicto,
Os Ânimos dispõem; mostra o Caminho.
Unânicos deixando deste Distrito,
Ao Bando navegando mais vizinho
Vão, resolutos ver, se persuadidos
Os deixam da Verdade, e Convencidos.

XII

⁵⁴Um prófugo entre os mais Murificado,
De Ambrósio tendo o nome impropriamente,
Foi logo por Fernandes empregado,
Para outros persuadir eficazmente;
Aquele impresso na Alma assinalado
Sacramento indelével, novamente
De um Deus suscita, misericordiosa
Atenção eficaz, pronta, e piedosa.

XIII

O Espírito Celeste, que inspirando
Os pensamentos vai, e acompanhado
Os passos tem; agora continuando
A difundir o Ardor já destinado
Tem muitos, que ditosos separando

⁵⁴ Ambrósio. Índio do lugar de Nogueira, no Rio Tefé, e fronteiro a Ega; tendo este Índio sido pelos Muras roubado, e levado sendo rapaz, ele entre eles se achava havia muitos Anos, tendo sua mãe, por nome Joana, idosa Viúva e Irmãos vivos, e existentes em Nogueira. Ele era respeitado Capataz dos Muras.

Vão mutuamente a Sorte, e o cuidado,
De aos Muras, nos mais Rios repartidos,
Sucessos noticiar acontecidos.

XIV

Enquanto de Enviados o destino
Os Muras deputados vão seguindo;
⁵⁵Se cuida o bom Fernandes no interino
Reparo da Colônia, repartindo
O corte das Madeiras; do inquilino
Mura ajudado, e de Índios se servindo
Do mesmo Povo seu, com tal presteza,
Que inveja causa à Arte; À Natureza.

XV

Não lhe esquece o preciso, útil cuidado,
De prover a futura subsistência;
Em grande roça tendo antecipado
Meio seguro, certa providência.
Maniva⁵⁶, Milho, Frutas já plantado
O Mura vê, na nova residência,
Esteios uns levantam; Outros palha
Conduzem, tecem, tudo enfim trabalha.

XVI

Soberbo o Japurá, vê seu seio
As águas do Amaná, lago famoso,
Vertendo Cristalinas, que de enleio
Serve ao Mura, e Fernandes Valoroso
Enquanto em suas Margens busca o meio
De eternizar-se; De fazer ditoso
Na fé; na sujeição, ao Mura forte;
Aos outros se destina melhor sorte.

XVII

⁵⁵ O Diretor de Imapiri, Matias Fernandes, dá princípio ao primeiro, e novo estabelecimento dos Muras, no lago de Amaná, um dos afluentes do Rio Japurá.

⁵⁶ *Originalmente escrito “maniba”, assim transcrito em 1993, assim publicado em 1819, e em 2012 salvo à exceção cuja nota de rodapé informa a grafia vigente. Maniva, isto é, pé de mandioca.*

Qual de officiosa Abelha o numeroso
Bando, saíndo da Colmeia antiga,
Se reparte no Prado, o proveitoso
Orvalho, e Suco ajunta, com que liga
O misto, que compõem mel saboroso;
Enquanto anterior Colheita abriga,
Nos celeiros reparte, e na Oficina,
A Abelha, que Caseira se destina.

XVIII

Assim o antigo Albergue já deixando
Os Muras de Maloca, diferentes,
Segunda vez afoitos navegando,
Vem nossos Povos ver, com seus presentes;
⁵⁷Já de Ega, de Alvarães se aproximando
Sem susto, sem receio vão contentes.
Achando no carinho, agrado antigo,
Agasalho maior, melhor abrigo.

XIX

Ficando de entre os Novos de admirados
Alguns perplexos, vendo estranha Gente,
Lhes diz um dos Antigos: De cuidados
Importa-nos deixar já livremente
O peito sossegar; fomos cercados
De Amigos, Camaradas; Felizmente
Nos conduziu a Sorte / não me engano /
A termos do receio o desengano.

XX

Não são os Brancos, não, que de aleivoso
Punhal, armada a mão, no rosto afável,
De intento vil encobrem astucioso
Rancor formal, ou golpe lamentável.
É deles o Caráter generoso,
Sincero, Verdadeiro, respeitável.

⁵⁷ Alvarães. Lugar, Povoação, não muito distante de Ega; na Margem meridional do Solimões, ou Amazonas; Os Índios, e os Moradores denominavam essa Povoação com o nome de Caiçara.

Cesse pois o terror, que há tantos Anos,
Nos tem causado irreparável dano.

XXI

Persuadidos os deixa o desengano;
Renasce a Confiança lá nos peitos;
Desterrado o temor, receio insano,
Gostosos já se mostram satisfeitos.
Um poder vê se em tudo mais que humano;
⁵⁸Trocados os presentes, e efeitos
Bem pagos; já se ausentam visitando
Os Povos, que eles iam encontrando.

Fim do Quinto Canto

⁵⁸ Na segunda visita, que os Muras fizeram, já vieram sós, trazendo Tartarugas, Salsa, etc. que se lhes comprou, e pagou superabundantemente, para assim os satisfazer, e acariciar; redundando esta insignificante liberalidade, no maior, mais assinalado proveito do Estado, da Capitania, e dos moradores Brancos, e Índios.

CANTO SEXTO

Argumento

Enquanto o Tutelar da Mura gente,
Celeste Paraninfo, o vai guiando;
O Príncipe das Trevas faz patente
Seu susto; Os Emissários seus mandando.
Deles o empenho, o Anjo prepotente
Destrói; A Ega, e Nogueira vão passando;
Aqui Vinte Inocentes batizados,
De outros progressos deixa esperançados

I

Plantada pela Mão do Onipotente,
Na semente da Fé, da Graça o fruto;
Dispõem, que da Colheita a inocente
Primícia se lhe ofereça, que o produto
Antecipado seja, e permanente
Padrão, do seu Domínio absoluto;
De altos desígnios Seus; e de Aliança
Disposição; Motivo de Esperança.

II

Já o Anjo Tutelar reconduzindo
Os Muras viajantes vai contentes;
Preenche o Ministério, e difundindo
Nos peitos vai Ideias convincentes,
De quando lhes convém, que reunindo
Os Bandos, e Malocas diferentes
Na Fé, nos interesses; Vassalagem,
Tenham desta União toda a vantagem.

III

⁵⁹Mas já na habitação do eterno dano,
O Príncipe das Trevas, Monstro informe,
Já no Sucesso vendo todo Arcano
Da Providência Santa; Deu o enorme
Sinal acostumado, que do humano
Inimigo Esquadrão, negro, disforme,
Veloz, qual pensamento, logo ouvido,
Se ajunta, na aparência, destemido.

IV

Eia, lhe diz, briosos Companheiros!
Dignos todos de eterna, melhor sorte!
Já que igualar quisestes os primeiros,
A aquele Deus, que rege a Vida, a Morte,
Já que poder só imenso, prisioneiros
Fazer-vos pode, e por Barreira forte,
O imenso espaço pôr; que daqui dista
Ao Céu, que já se nega à nossa Vista.

V

Os olhos levantai, vede essas Feras,
/Pois serem racionais, só a forma indica /
Já quase a substituir-nos nas Esferas
Celestes destinadas; Já publica
Veloz Fama, conjecturas meras,
Que só a credulidade justifica.
Mas temo, desprezada esta aparência,
Se realize a ruína com evidência.

VI

Ide pois precaver a contingência;
Não se perca da Presa a melhor parte;
As luzes lhe ofuscai da inteligência,
Empenhe-se Valor, destreza, e Arte.

⁵⁹ Ficção Poética; mas que toda a aparência também tem realidade, e certeza; pois ao Inimigo comum do Gênero humano seria sensível golpe, a perda do Domínio Tirânico, que ele tinha, e nos mais Gentios; e o receio da próxima Convenção deles. Faria esforços para a embaraçar.

Não se atribua nunca a Negligência
O desprezo do Aviso, pois reparte
O injusto Fado com desigualdade,
Poder, Ventura, e infelicidade.

VII

Qual de Etna, ou do Vesúvio vasta estranha,
Fermentado indigesta Massa ardente,
Da repleção efeito, arroja estranha,
Temível, larga, ignífera Torrente;
No trânsito impetuoso quanto apanha
A cinzas reduzindo; indiferente,
A dura penha, a flor, Jardim Vistoso,
Casal humilde, ou Povo numeroso.

VIII

Do Império assim das Trevas vai saindo,
Qual Torrente a Coorte, em Chama envolta;
O denso fumo os Ares já cobrindo,
Pestífero vapor, imenso solta.
Nas vastas Regiões se difundindo
Vai só Amazonas, Infernal Escolta;
Dos Átomos parece a qualidade
Neles se identifica, e quantidade.

IX

Em Sonhos, em Visões, Agouro insano,
Aos descuidados Muras aparecem;
Ora representando um desumano,
Infame proceder, no qual lhe tecem
Os Brancos aleivosos, novo engano.
Ora, essa liberdade, que apetezem,
Malograda, aparente, e já perdida,
Na Vassalagem dura, e só fingida.

X

Outros, da Lei os bons, Santos Preceitos,
Qual insofrível Jugo, lhes figuram;
Persuadem, que só certos são efeitos,
Das Máximas dos Brancos, que asseguram

Domínio universal; poder, respeitos.
Na mesma Vassalagem, que lhes juram;
Que a cara esposa; os filhos manietados
Verão, quando estiverem descuidados.

XI

Já aflitos, pensativos, despertando,
De ideia tal enfim preocupados;
Só mortes, vinganças respirando,
Já lhes tardava os ver executados.
Mas o Anjo Tutelar, que vigiando
Estava, e lamentando os enganados,
Armado do poder do Onipotente,
Tudo faz, que se mude de repente.

XII

Inspira a todos novo ardor, desejo,
De discernir o engano, e a verdade;
Ao Tentador infame, e seu Cortejo,
Sepulta na infeliz eternidade,
Faz, que ao rancor, universal festejo,
Entre os Muras se siga, a brevidade
Do Embarque se procure; realizados,
O fim proposto; Os meios desejados⁶⁰.

XIII

Não se encaminha mais veloz a bala,
Quando o Sulfúreo Misto lá a despede,
Do que o ligeiro barco, quando abala
Esse úmido Elemento; Retrocede
Ondulando sereno, e já se cala
Bramido impetuoso, com que mede
O esforço no espumoso, e argentino
Monte, que forma em Campo Cristalino.

XIV

Rege o Curso, quem rege os Elementos;
Por isso o Sol duplica o luzimento,

⁶⁰ *Conforme as edições de 1819 e 2012. A transcrição de 1993 é “desejado”, no entanto, no manuscrito é possível perceber o plural.*

De azul celeste veste os firmamentos;
O Zéfiro⁶¹ mais brando, sendo o Vento.
Efeitos naturais, já são portentos;
Não há na Onipotência, o violento.
Chega aos Povos, navega pelos Rios
Mura feliz, sem susto, e sem desvios.

XV

Mais festejado, que da vez primeira,
Passa Alvarães; encontra em Ega abrigo;
Seu destino o conduz logo a Nogueira,
A cumprir de altos fins, preceito antigo,
Em dar a Deus Primícia verdadeira,
Ao Inferno terror; justo castigo.
Já chega ao Porto; e já no interno gozo,
Pressentimentos têm de venturoso.

XVI

⁶²Era do Sexto Mês, o nono dia,

⁶¹ *Vide nota de rodapé do canto 3, estrofe 1 e verso 1.*

⁶² Chegando, sem serem esperados, no dia 6 de Junho de 1785, ao Lugar de Nogueira os Muras, havendo já quatro dias, que os Moradores do dito Lugar festejando estavam a festa que então se fazia, sem preceder persuasões, ou promessas, passando os dias em danças, regozijos com os Índios moradores do Lugar, de repente, e unanimemente se resolveram **no dia do d: Mês** solicitar ansiosamente se batizassem Vinte inocentes Muras, filhos, filhos (sic), dos que vinham dessa ocasião; o que com efeito, se efectuou, sendo o C. Fr. José de Sta. Teresa Neves, Religioso do Carmo, então Vigário da Igreja Paroquial de Nogueira, o que administrou o Sagrado Batismo; e o Tenente Coronel João Batista Mardel, padrinho de todos, na mesma Igreja de Nossa Senhora do Rosário, de Nogueira. Retiram-se, poucos dias depois, os Muras, cumulados de presentes e mimos; satisfeitos, e com promessa de voltarem com outros brevemente; o que executaram e juntamente princípio deram a mais três Estabelecimentos, e Povoações no Rio Mamiá; no antigo Pesqueiro de Manacapuru, e no Lago Curini, todos no Rio Solimões; e que todos em Maio de 1786 continham já por cerca de Mil, e tantas Almas. Sucedendo por este tempo, e pouco depois, pelas repetidas recomendações do mesmo Exmo. Sr. João Pereira Caldas; e pelo zelo, e cuidado do Ajudante de Auxiliares, Antônio Carlos de Azevedo Coutinho, Comandante da Vila de

E quarto neste Povo de festejo,
Que o Mura se admirando do que via
Nos Ritos, e costumes; tal desejo,
Ardor irresistível percebia,
Que o temor, repugnância, inútil pejo
Desterrando; O faz crer, que já demora
Ao Astro luminoso, a bela Aurora.

XVII

Já lá o Anjo da Paz, resplandecente,
Luz difundindo, as trevas dissipava;
Feroz, mas tenro Infante brandamente
Aos peitos ainda a Mura alimentava,
O impulso sentem todos igualmente
Que ao Templo, com seus filhos os levava,
Eles se ajuntam; Correm; Vem rogando,
Que em Fonte Santa os queiram ir banhando.

XVIII

De alto Mistério executor condigno,
Escolhe a Providência no Carmelo;
É filho deste, que de um Deus benigno,
Caráter de Cristão; da Graça o selo,
Ministro, imprime; Que ao Tirano indigno,
Anjo das Trevas, arrancando o belo,
Usurpado Domínio, a Deus oferece,
Das Almas a Primícia, que merece.

XIX

Pio promove, vê; gostoso assiste
João, Chefe Português, Batista agora;
Esta piedosa ação; Quer que se aliste
Por fiador seu Nome, pois que implora
A proteção Divina, em que consiste
A futura esperança, de que adora

Inescrutável⁶³ desígnio, e providência
De um Deus piedoso, com sua Onipotência.

XX

No Templo de Maria renascidos,
Na Graça batismal, os inocentes
Vinte infantes; alegres conduzidos
Pelos Bárbaros Pais foram contentes.
Na fé de mais progressos despendidos,
Se ausentam cumulados de presentes
Penhor levando da felicidade,
Em cada filho, de Anjo a qualidade.

XXI

Do Onipotente, a Santa Providência,
Que cá no Solimões resplandecia,
Em Quatro Fundações, que a persistência
Do Mura fizera, e bárbara porfia.
Também lá no Madeira a excelência
De Graça difundindo, os atraía,
A procurar a Paz interessante,
Com o Morador de Borba, e Comandante.

XXII

Sempre princípios tais; tal esperança,
Fundamenta a razão todo discurso;
Em Deus se emprega toda a confiança;
Pende do Seu poder todo o recurso;
Os frutos já se colhem da Aliança,
Apesar dos acasos no concurso.
Sempre os progressos a Cantar disposto
Aqui suspendo a Voz; A Lira encosto.

Fim do Sexto, e último Canto

⁶³ Originalmente “*inscrutavel*”, a edição de 1819 corrige para “*in’scrutavel*” (gralha? Vide nota nº 2), ignorando a ortografia vigente a edição de 2012 segue a transcrição de 1993.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COMMELIN, P., *Mitologia Grega e Romana*, Trad. Eduardo Brandão, São Paulo, Martins Fontes, 2011.

SPALDING, Tassilo Orpheu, *Dicionário de Mitologia Greco-Latina*, Belo Horizonte, Itatiaia, 1965.

WILKENS, *Muhuraida ou o triunfo da Fé*, Manaus, Biblioteca Nacional, UFAM, Governo do Estado do Amazonas, 1993.

___, *Muraida*, Org. Tenório Telles e José Almeida A. da Rosa, Manaus, Valer, 2012.

___, *Muhuraida ou o triunfo da Fé... Poema heroico composto e compendiado em seis volumes...* 1785 (manuscrito do Arquivo Nacional da Torre do Tombo).